

"É chocante ver uma autoridade europeia dando cobertura ao terrorismo cometido pela entidade sionista contra os palestinos."

De Mushir al Masri, membro do Hamas, sobre as declarações de Louis Michel, comissário para o Desenvolvimento e a Ajuda Humanitária da União Europeia, que visitou ontem a Faixa de Gaza. O comissário responsabilizou os dois lados, mas afirmou que o Hamas pratica terrorismo.

Pelé para presidente?



MARCELO
NERI

Na primeira metade do século passado, pós-Lei Áurea, havia a crença de que o Brasil se transformaria naturalmente ao longo do tempo numa nação de mestiços. De fato, a parcela de negros na população vem caindo ao longo das décadas: de 14,64% em 1940 para 10,96 em 1950 e 6,21% em 2000, segundo os Censos Demográficos. Em contrapartida, os pardos seguem movimento oposto passando de 21,2% em 1940 para 26,5% em 1950 e 38,9% em 2000, confirmando a tese do caldeirão fervente misturando etnias.

A inovação racial da década atual é um aumento da parcela de negros que passa de 5,58% em 2002 para 7,46% em 2007 (era 5,35% em 1992), invertendo a tendência das décadas anteriores. Este aumento se dá também entre os pardos, de 40,5% em 2002 para 41,8% em 2007 (era 40,1% em 1992).

O crescimento da participação de negros na população brasileira no período 2002-2007 foi 5,98% ao ano! Se esta transformação continuar acontecendo à mesma taxa por mais cinco anos voltaríamos em 2012 à participação da população negra brasileira de 1950! Ou seja, revertermos

a tendência de mudança dos últimos 50 anos em dez. Este exercício revela a magnitude da mudança de respostas sobre raça recém-acontecido no Brasil. No caso da proporção de pardos esta taxa foi de 0,63% ao ano entre 2002 a 2007, na mesma direção, mas em ritmo pouco inferior aos 0,78% ao ano do período 1950-2000. Como no período não houve nenhuma revolução demográfica ou alteração no questionário da Pnad/IBGE, o aumento da proporção de negros na população parece ser uma mudança na forma como as auto-respostas individuais de raça foram reportadas. Notamos movimento semelhante na PME/IBGE. O que estaria por trás da mudança de composição racial reportada?

Senão vejamos: ao analisarmos estatísticas comparáveis para a composição racial da pobreza brasileira, constatamos que entre as pessoas de baixa renda (abaixo de R\$ 125 per capita mês) a taxa de crescimento média de negros foi de 7,03% ao ano. Ou seja, a população tem se tornado mais negra, mas nos segmentos de renda mais baixa, proporcionalmente ainda mais negra. No caso dos pardos esta taxa foi de 0,03%. Ou seja, o crescimento dos pardos é menor na população de baixa renda do que no total, indicando que a pobreza tem se tornado relativamente menos parda e mais negra. Como os pardos são a vasta maioria da soma de negros e pardos, os seus números dominam as séries agregadas dos dois. Isto é, a pobreza

tem se tornado menos afro-descendente, mas mais negra do que a população total.

O que houve de diferente no Brasil neste período a explicar a mudança? Como já tive a oportunidade de discutir neste espaço, ocorreu marcada redução de desigualdade de renda brasileira e expansão de programas sociais focalizados no pobres, sendo o Bolsa Família o maior dos exemplos. O programa serve hoje 25% da população brasileira. O Bolsa Família como programa focalizado nos pobres tende a ser pró-negro, pois a pobreza no Brasil é mais negra do que branca. A probabilidade de uma pessoa que se diz branca ser pobre é menos da metade do que de um afro-descendente. Mesmo quando comparamos pessoas com os mesmos atributos exceto raça, digamos, uma analfabeta de meia idade que mora numa favela de Salvador, a probabilidade de uma branca ser pobre é 29,4% menor do que uma não branca. Não há como não enxergar o tom mais escuro da pobreza brasileira.

Agora o meu segundo ponto aqui é que o Bolsa Família é pró-negro, não só porque ao buscar os mais pobres encontra naturalmente mais pretos (que são mais pobres que os brancos). Mas algo além disso. O Bolsa Família tem um viés pró-negro para além do fato de ser um programa pró-pobre. No suplemento da Pnad, entre pessoas exatamente iguais nas características observáveis como sexo, estado civil, educação, Estado, tamanho de cidade, moradora de favela etc. e em particular a renda per capita, o afro-des-

cedente apresenta uma probabilidade de acessar o Bolsa Família 10% maior que o branco. É como se o Bolsa Família incorporasse uma ação afirmativa implícita pró-negro para além da maior pobreza deste segmento. A probabilidade da negra acessar o Bolsa Família — assim como no Bolsa Escola do Fernando Henrique — é maior, ao passo que em programas mais antigos, menos pró-pobres como o BPC, é menor. Agora, por que isso ocorre, uma vez que não há ação afirmativa racial explícita nas bolsas? Talvez porque, no caso de uma política pró-pobre, a pessoa que carrega na pele as cores aparen-

O Bolsa Família como programa focalizado nos pobres tende a ser pró-negro, pois a pobreza no Brasil é mais negra do que branca

tes da pobreza possui mais facilidade de argumentar aos assistentes sociais e cadastradores municipais de programas sociais de que ela é pobre. O mesmo tipo de efeito se dá para a população favelada que também tem maior facilidade de sinalizar que é pobre. Isto poderia explicar por que cresceu a auto-reportagem de raça negra na população em geral e na dos pobres em especial. A maior facilidade de uma pessoa de cor negra (o mesmo se dá com uma favelada) sinalizar que é pobre geraria acesso facilitado a pro-

gramas que são explicitamente pró-pobres. O ponto é que pretos no Brasil não só são mais pobres, mas parecem ser mais pobres aos olhos de uma política focalizada. Será que o fato das políticas públicas no Brasil terem se engajado nos últimos anos na busca dos mais pobres pode eventualmente ter afetado como os brasileiros reportam a sua raça captada em pesquisas domiciliares? Ou, ainda mais artificialmente, isto reflete a discussão em curso sobre cotas raciais, que influenciou esta mudança (O livro de Sowell fala disso em outras experiências internacionais). Ou alternativamente a mudança corresponde a um aumento espontâneo do chamado “orgulho racial”.

Talvez ao fim e ao cabo não haja ligação causal entre os dois fatos, mas que merecem ser estudados isoladamente, a saber: I) o Bolsa Família serve relativamente mais a negros que a brancos, como fosse uma espécie de ação afirmativa implícita. II) O brasileiro em geral — e o pobre em particular — se percebe nos últimos anos mais como negro.

Nota: O título poderia ser “Obama para presidente do Brasil?”, mas como o efeito em questão se dá mais com negros e não nos pardos, Pelé se adapta como o símbolo do brasileiro de pele negra.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de “Retratos da Deficiência”, “Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas” e “Ensaio sociais”. mcneri@fgv.br